



## A crise mundial e as exportações gaúchas

As exportações gaúchas fecharam o primeiro trimestre de 2009 com uma queda de 29,4% em relação ao mesmo período do ano anterior. Esse tem sido apenas um dos efeitos da crise mundial sobre a atividade econômica do Estado. Essa queda no valor exportado foi resultado do decréscimo tanto no volume (-26,5%) quanto no preço (-3,8%) dos produtos exportados.

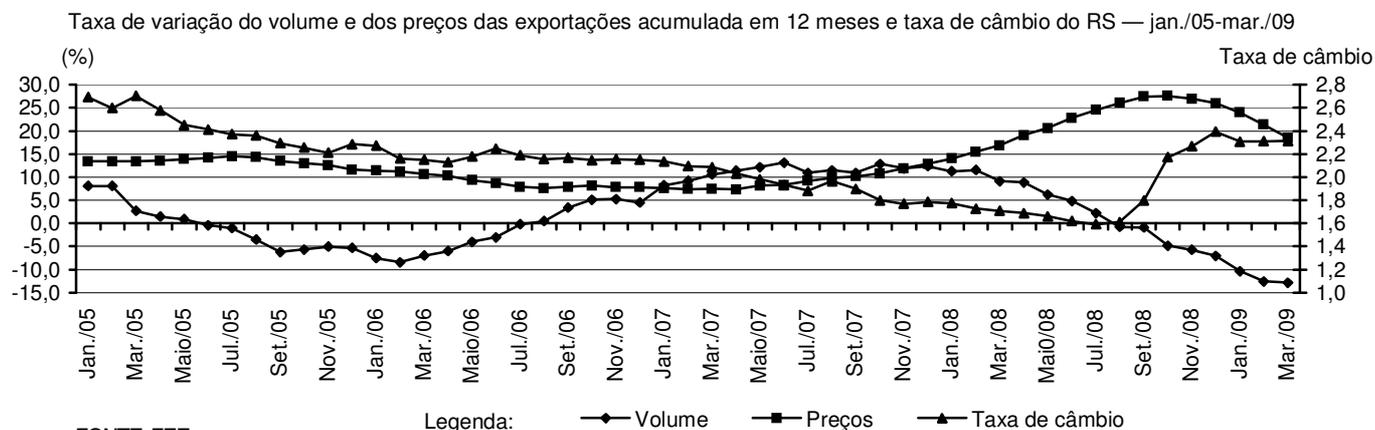
As quedas tanto na exportação de produtos agrícolas quanto na de industriais contribuíram para esse fraco desempenho. Assim, no primeiro trimestre de 2009, os primeiros apresentaram uma queda de 60,6% no volume exportado, em relação ao mesmo período de 2008, enquanto os últimos tiveram uma variação negativa de 23,0%. No que se refere aos setores da indústria gaúcha, verifica-se que apenas dois apresentaram crescimento no volume de suas exportações, nesse primeiro trimestre, a saber, refino de petróleo (43,6%) e fabricação de equipamentos de informática. No entanto, tomando-se os principais setores industriais exportadores, os quais representam aproximadamente 60% das exportações gaúchas, todos eles tiveram quedas significativas no volume exportado. Esse é o caso de produtos alimentícios (-7,5%), produtos do fumo (-25,4%), artefatos de couros e calçados (-37,5%), máquinas e equipamentos (-25,1%) e veículos automotores (-49,7%).

Uma análise mais detalhada dos índices de exportação divulgados pela FEE, no entanto, demonstra que tal efeito não é recente. De fato, o volume exportado de produtos gaúchos vinha apresentando uma desaceleração desde março de 2008, sendo que, no final daquele ano, já havia acumulado uma queda de 7,0%. O resultado desse primeiro trimestre, portanto, foi apenas o acirramento de um fenômeno que vinha manifestando-se há praticamente um ano, quando o cenário

econômico internacional já mostrava sinais de uma crise que veio a se aguzar nos meses posteriores.

Ao longo do ano que se encerrou, no entanto, a queda no volume exportado foi acobertada por dois outros fatores. Em primeiro lugar, pelo crescimento dos preços, o qual acumulou, em 2008, um acréscimo de 26,0% em relação a 2007. Em segundo, pela desvalorização cambial, que se iniciou em agosto e que, em dezembro de 2008, já havia acumulado uma desvalorização de 34% em relação ao mesmo mês de 2007. Se, por um lado, estes dois últimos fatores garantiram a renda do setor exportador, a queda do volume exportado afeta diretamente os setores produtivos, principalmente a atividade industrial. De fato, como pode ser verificado pelos índices da produção física da indústria do Estado, esta já vinha desacelerando o seu crescimento desde março de 2008.

Tais números indicam claramente que a queda da demanda externa foi um dos mais importantes mecanismos de transmissão da crise econômica mundial sobre a economia gaúcha, assim como o foi para a totalidade da economia brasileira. Para 2009, o cenário das exportações gaúchas continua sendo adverso. A se confirmarem as projeções de desempenho para a economia mundial feitas pelo FMI e outras instituições internacionais, as perspectivas de recuperação das exportações e, conseqüentemente, do setor produtivo no Estado são bastante reduzidas. Em 2009, no entanto, a queda não deverá ser apenas no volume, como também nos preços, enquanto a taxa de câmbio continua na mesma tendência de 2008, mantendo-se estável nos quatro primeiros meses do ano. A esse quadro deverão adicionar-se os conseqüentes impactos no emprego e no consumo das famílias, que não se haviam evidenciado em 2008.



FONTE: FEE.  
Bacen.

André Luis Contri (FEE/CEES)

## As previsões para a safra de verão 2008/2009

No contexto da atual crise econômica mundial, qualquer previsão negativa a respeito do desempenho dos setores e/ou de queda nas diferentes variáveis econômicas tem grande impacto, uma vez que aprofunda o quadro de recessão, e as estimativas de março do IBGE para a produção de grãos na safra brasileira de verão de 2008/2009 não são animadoras. De acordo com as previsões, essa safra terá uma redução de quase 6% em relação ao volume colhido em 2008. A diminuição será decorrente da retração da produção de milho, que está estimada em torno de 13%, e de um volume 2,3% menor na colheita de soja, no Brasil. No caso da cultura do milho, foi, na sua maior parte, o baixo preço de comercialização do grão em 2008 o responsável pela redução no volume produzido.

Como o milho tem importância fundamental na composição das rações para aves e suínos, podem-se esperar problemas de abastecimento e encarecimento das rações e, conseqüentemente, pressão sobre os preços desses dois tipos de carne.

No Rio Grande do Sul, as previsões são mais otimistas. A safra de grãos de verão no Estado deverá ser 3% maior em 2009 do que no ano passado. Os piores resultados foram registrados na produção de milho, que sofreu uma redução de quase 12%. A diminuição da produção deu-se em função da redução da área plantada, decorrente dos baixos preços de comercialização, e foi acentuada pelos problemas climáticos no decorrer do período produtivo.

Produção de grãos no Brasil e no RS — 2008 e 2009

PRODUTOS	BRASIL			RS		
	2008 (t)	2009 (t)	Δ%	2008 (t)	2009 (t)	Δ%
Arroz .....	12 100 138	12 671 754	4,72	7 371 467	7 771 298	5,42
Feijão .....	3 460 290	3 799 427	9,80	102 376	124 383	21,50
Milho .....	59 017 716	51 593 285	-12,58	5 322 052	4 697 377	-11,74
Soja .....	59 838 475	58 471 633	-2,28	7 773 324	8 596 026	10,58
TOTAL .....	134 416 619	126 536 099	-5,86	20 569 219	21 189 084	3,01

FONTE: IBGE.

Vivian Fürstenau (FEE/CEES)

## Primeiros efeitos da crise no mercado de trabalho da RMPA

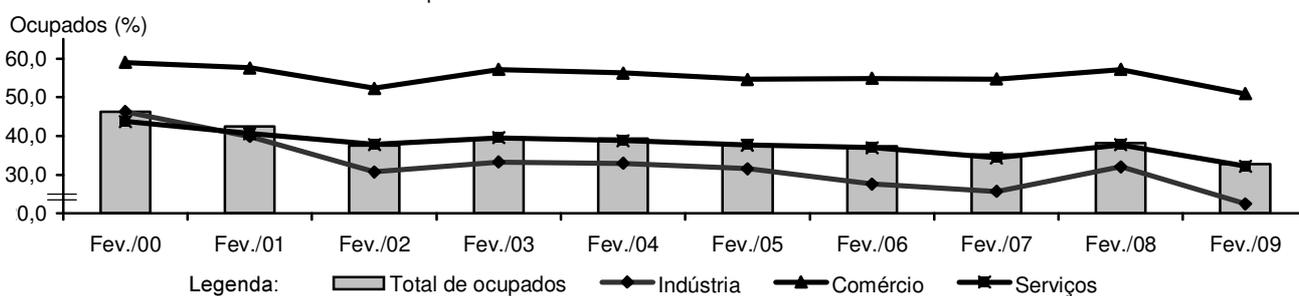
Segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre (PED-RMPA), a partir de agosto de 2008, quando se intensificou a crise financeira internacional, observa-se queda acentuada na proporção de ocupados com jornada acima de 44 horas. Em fevereiro de 2009, a parcela de ocupados com jornada acima da legal atingiu a menor dimensão (32,8%), quando comparada com a de idêntico mês dos anos anteriores a partir de 2000. Levando-se em consideração os setores econômicos, todos apresentaram redução, sendo a mais acentuada na indústria, onde 22,5% trabalharam mais do que 44 horas, face a 32,2% nos serviços e 50,9% no comércio.

Ao lado dessa redução, observa-se que o crescimento do desemprego, no mês de fevereiro, foi o mais intenso (4,0%),

quando comparado com o do mesmo período de anos anteriores a partir de 2000, apesar de apresentar, nesse mês, a menor taxa de desemprego (10,4%) desde 1995.

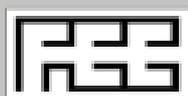
Esses resultados indicariam que as primeiras ações de ajuste do nível de atividade das empresas frente ao arrefecimento da demanda causada pela crise internacional podem ter sido a redução da jornada de trabalho e a concessão de férias coletivas. Face às incertezas quanto ao desdobramento dessa crise, coloca-se a possibilidade de um cenário de deterioração do mercado de trabalho, no qual o esgotamento de tais estratégias pode dar lugar à elevação do desemprego.

Evolução da proporção de ocupados no trabalho principal com jornada superior a 44 horas semanais e por setor de atividade na RMPA — fev./00-fev./09



FONTE: PED-RMPA - Convênio DIEESE, FEE, FGTAS/SINE-RS, PMPA e MTE/FAT.

Norma Herminia Kreling (FEE/CPED)



Tenha acesso a esta e a outras  
publicações em  
nossa Home Page  
[www.fee.rs.gov.br](http://www.fee.rs.gov.br)

Carta  
de  
Conjuntura FEE

**ECONOMIA BRASILEIRA**

Variáveis macroeconômicas selecionadas — dez./96-mar./09

MESES E ANOS	TAXAS ANUAIS DE CRESCI- MENTO DO PIB (1) (IBGE)	TAXA DE INVESTIMENTO (2) (% do PIB) (IPEA)	TAXA MÉDIA DE DESEMPREGO ABERTO (3) (% da PEA) (IBGE)	TAXAS ANUAIS DE VARIAÇÃO DO ÍNDICE DE PREÇOS (4) (IPCA/IBGE)	TAXAS BÁSICAS DE JUROS AO ANO (%) (Bacen)	TAXA EFETIVA DE CÂMBIO (5) (Funcex)		SALÁRIOS REAIS NA INDÚSTRIA (IBGE)		BASE MONETÁRIA (saldo em R\$ milhões correntes) (Bacen)
						Índice (base fixa: dez./03 = 100)	Taxa de Variação (4)	Índice (base jan./01 = 100)	Taxa de Variação (7)	
Dez./96	2,1	21,0	-	10,1	23,00	-	-	127,2	0,2	20 106
Dez./97	3,4	22,2	-	5,2	38,00	-	-	132,8	0,8	32 283
Dez./98	0,0	21,2	-	1,7	29,00	-	-	131,3	-0,5	39 285
Dez./99	0,3	19,6	-	8,9	19,00	-	-	125,4	0,1	45 407
Dez./00	4,3	20,3	-	6,0	16,50	-	-	128,3	0,2	46 304
Dez./01	1,3	19,2	10,6	7,7	19,00	-	-	130,7	25,7	52 846
Dez./02	2,7	-	10,5	12,5	22,00	-	-	122,4	20,3	69 901
Dez./03	1,1	-	10,9	9,3	17,50	-	-	126,4	21,9	70 802
Dez./04	5,7	-	9,6	7,6	17,25	88,9	-	134,4	24,8	87 344
Dez./05	2,9	-	8,3	5,7	18,50	75,7	-14,8	135,5	21,3	98 306
Dez./06	3,8	-	8,4	3,1	13,25	73,8	-2,5	135,1	19,7	118 304
Abr./07	-	-	10,1	3,0	12,75	72,9	-0,7	102,7	0,4	110 694
Mai/07	-	-	10,1	3,2	12,50	71,8	-3,0	103,8	1,1	111 301
Jun./07	4,8	-	9,7	3,7	12,50	70,0	-10,7	103,3	-0,5	113 195
Jul./07	-	-	9,5	3,7	12,00	69,0	-11,9	105,1	1,7	116 458
Ago./07	-	-	9,5	4,2	11,50	70,8	-6,1	103,5	-1,5	117 425
Set./07	5,3	-	9,0	4,2	11,50	68,1	-9,1	102,7	-0,8	123 181
Out./07	-	-	8,7	4,1	11,25	64,9	-10,7	105,7	3,0	124 345
Nov./07	-	-	8,2	4,2	11,25	64,5	-12,0	115,7	9,5	127 393
Dez./07	5,7	-	7,4	4,5	11,25	63,9	-13,4	140,8	21,7	143 642
Jan./08	-	-	8,0	4,6	11,25	63,7	-12,5	110,6	-21,5	141 858
Fev./08	-	-	8,7	4,6	11,25	62,7	-12,7	106,6	-3,6	132 524
Mar./08	5,9	-	8,6	4,7	11,25	63,5	-12,0	108,1	1,5	130 811
Abr./08	-	-	8,5	5,0	11,25	63,1	-13,4	106,1	-1,9	131 320
Mai/08	-	-	7,9	5,6	11,75	61,3	-14,6	108,7	2,5	132 658
Jun./08	6,0	-	7,8	6,1	12,25	59,8	-14,6	107,1	-1,4	131 067
Jul./08	-	-	8,1	6,4	13,00	59,1	-14,3	109,6	2,3	134 669
Ago./08	-	-	7,6	6,2	13,75	58,7	-17,1	107,4	-2,1	133 935
Set./08	6,3	-	7,6	6,3	13,75	63,4	-6,9	108,4	1,0	137 544
Out./08	-	-	7,5	6,4	13,75	70,7	8,9	109,1	0,7	139 816
Nov./08	-	-	7,6	6,4	13,75	70,8	9,8	120,3	10,3	130 600
Dez./08	-	-	6,8	5,9	13,75	75,5	18,2	148,1	23,1	145 742
Jan./09	-	-	8,2	5,8	12,75	72,1	13,2	113,9	-23,1	142 042
Fev./09	5,1	-	8,5	5,9	12,75	70,9	13,1	113,4	-0,5	135 861
Mar./09	-	-	-	5,6	11,25	-	-	-	-	132 168

(continua)

MESES E ANOS	NECESSIDADES PRIMÁRIAS DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO (6) (% do PIB) (Bacen)	DÍVIDA LÍQUIDA TOTAL DO SETOR PÚBLICO (% do PIB) (Bacen)	INDÚSTRIA				SETOR EXTERNO						
			Índice da Produção Física (base 2002 = 100) (IBGE)	Taxas de Crescimento (IBGE)		Utilização da Capacidade Instalada (%) (IBRE)	Taxas de Crescimento (Secex)		% do PIB (Bacen)			Reservas Externas (conceito de liquidez internacional) (US\$ milhões) (Bacen)	Dívida Externa Total (US\$ milhões correntes)
				Produção física (1)	Produtividade física da indústria (7)		Exporta- ções (1)	Importa- ções (1)	Transações correntes (6)	Investi- mentos diretos (6)	Transações correntes não cobertas por investimentos diretos (6)		
Dez./96	0,09	33,3	83,87	1,7	-	(8)82	2,7	6,7	-2,98	1,28	1,70	60 110	...
Dez./97	0,98	34,5	81,16	3,9	-	(8)84	11,0	15,1	-4,16	2,13	2,03	52 173	199 998
Dez./98	-0,01	42,6	79,26	-2,0	-	(8)82	-3,5	-6,2	-4,24	3,66	0,58	44 556	241 777
Dez./99	-3,13	49,7	86,06	-0,7	-	(8)81	-6,1	-14,9	-4,32	4,87	-0,55	36 342	241 468
Dez./00	-3,56	48,8	92,66	6,6	-	-	14,7	13,8	-3,76	5,08	-1,33	33 011	236 156
Dez./01	-3,67	52,6	86,69	1,6	-10,7	-	5,7	0,1	-4,19	4,06	0,14	35 866	226 067
Dez./02	-3,96	55,5	93,75	2,7	-9,9	-	3,7	-15,4	-1,51	3,29	-1,78	37 823	227 689
Dez./03	-4,37	57,2	98,23	0,4	-6,9	-	21,1	2,3	0,75	1,83	-2,59	49 296	235 414
Dez./04	-4,59	51,7	106,41	8,3	-6,6	-	32,0	30,0	1,76	2,73	-4,49	52 935	220 182
Dez./05	-4,83	46,5	109,34	3,1	-5,1	(9)83,7	22,6	17,2	1,58	1,71	-3,29	53 799	187 987
Dez./06	-3,88	44,0	109,65	2,8	-8,1	(9)84,4	16,2	24,1	1,27	1,76	-3,03	85 839	199 372
Abr./07	-4,18	44,2	113,58	3,3	-6,7	(9)84,5	16,9	24,2	1,19	2,07	-3,26	121 830	217 256
Mai/07	-4,27	44,7	125,48	3,3	8,1	(9)84,4	19,2	25,9	1,13	1,94	-3,07	136 419	219 285
Jun./07	-4,27	44,1	121,61	3,9	-2,1	(9)84,7	19,3	26,5	1,10	2,68	-3,78	147 101	230 296
Jul./07	-4,33	44,0	125,50	4,2	2,1	(9)85,2	17,5	26,9	0,77	2,80	-3,57	155 910	235 030
Ago./07	-4,10	43,0	132,52	4,5	4,9	(9)85,7	16,6	27,6	0,69	2,81	-3,50	161 097	235 557
Set./07	-4,02	43,2	124,19	4,8	-6,4	(9)86,1	16,0	27,9	0,55	2,75	-3,30	162 962	237 632
Out./07	-4,19	43,2	136,83	5,3	8,0	(9)87,0	15,9	28,4	0,40	2,81	-3,22	167 867	238 262
Nov./07	-4,21	42,4	130,47	5,5	-4,0	(9)87,2	16,6	29,3	0,19	2,75	-2,94	177 060	242 098
Dez./07	-3,97	42,0	116,58	6,0	-8,3	(9)86,7	16,8	32,1	0,12	2,59	-2,71	180 334	240 495
Jan./08	-4,14	41,9	118,75	6,3	3,0	(9)84,3	17,0	33,4	-0,16	2,73	-2,57	187 507	244 829
Fev./08	-4,18	42,0	114,18	6,8	-3,8	(9)84,7	17,8	36,6	-0,32	2,65	-2,33	192 902	247 998
Mar./08	-4,47	41,2	123,04	6,6	5,9	(9)85,2	16,3	36,0	-0,64	2,64	-2,00	195 232	253 483
Abr./08	-4,25	40,9	124,96	7,0	1,4	(9)85,1	15,3	38,0	-0,98	2,63	-1,65	195 767	254 307
Mai/08	-4,35	40,6	128,53	6,7	1,5	(9)85,6	16,5	40,0	-1,01	2,65	-1,64	197 906	259 109
Jun./08	-4,24	40,5	129,51	6,7	0,8	(9)86,3	18,9	43,7	-1,22	2,09	-0,87	200 827	262 429
Jul./08	-4,33	40,7	136,50	6,9	4,1	(9)86,1	22,6	46,0	-1,30	2,03	-0,74	203 562	266 862
Ago./08	-4,37	40,5	135,10	6,4	-1,0	(9)86,6	24,5	48,2	-1,44	2,18	-0,74	205 116	271 079
Set./08	-4,55	37,8	136,17	6,8	0,3	(9)86,3	27,0	50,7	-1,63	2,46	-0,82	206 494	272 966
Out./08	-4,47	36,2	138,29	5,9	0,5	(9)86,3	26,3	50,3	-1,70	2,47	-0,77	197 229	278 919
Nov./08	-4,27	34,9	122,10	4,8	-9,6	(9)85,2	24,5	46,0	-1,65	2,42	-0,76	194 668	271 428
Dez./08	-4,08	35,0	99,37	3,1	-15,3	(9)80,6	23,0	41,9	-1,80	2,86	-1,07	193 783	262 931
Jan./09	-3,61	36,9	98,04	1,0	1,7	(9)76,7	19,2	35,8	-1,76	2,75	-0,99	188 102	267 486
Fev./09	-3,43	37,0	94,80	-1,0	-1,1	(9)77,0	15,3	27,7	-1,72	2,90	-1,18	186 880	261 821
Mar./09	-	-	-	-	-	-	15,0	24,5	-1,59	2,88	-1,29	190 388	259 877

FONTE: IPEA. IBGE. Bacen. DIEESE. FGV. IBRE. Macrométrica.

(1) Variação percentual do fluxo dos últimos 12 meses em relação aos 12 meses anteriores. (2) Taxa de investimento no trimestre (preços de 1990). Taxa obtida a partir da relação entre as séries de índices reais (base fixa, dessazonalizado) da formação bruta de capital fixo e do PIB. (3) Pessoas que procuraram trabalho de maneira efetiva nos últimos 30 dias anteriores ao da entrevista e não exerceram nenhum trabalho. (4) Variação percentual em relação ao mesmo mês do ano anterior. (5) R\$/cesta de 13 moedas: Zona do Euro, EUA, Japão, Argentina, China, Coreia do Sul, Rússia, Canadá, Uruguai, Paraguai, Chile, México e Reino Unido. (6) Valor dos últimos 12 meses. (7) Variação percentual em relação ao mês anterior. (8) Média do ano. (9) Dado mensal.

# Carta de Conjuntura - Ano 18 nº 05

## ECONOMIA DO RS

Variáveis selecionadas — nov./06-mar./09

MESES E ANOS	PIB (1)	PRODUÇÃO FÍSICA NA INDÚSTRIA			ICMS (R\$ milhões)				ÍNDICES DE PREÇOS	
		Base Fixa (4)	Mês (5)	Acumulado no Ano (6)	Industrial	Comércio Atacadista	Comércio Varejista	Total	IEPE (7)	CUB (R\$)
Nov./06	-	103,27	101,87	97,86	427,5	369,0	96,7	1 035,9	179,21	901,57
Dez./06	4,7	93,64	99,93	98,01	431,3	281,8	82,4	934,6	180,07	899,82
Jan./07	-	94,41	105,89	105,89	475,9	305,7	175,3	1 118,2	181,43	903,05
Fev./07	-	94,37	105,52	105,71	352,1	297,7	106,2	883,7	181,42	906,26
Mar./07	-	114,29	107,16	106,25	408,3	224,3	96,3	824,7	184,09	906,95
Abr./07	-	112,37	115,18	108,53	475,0	311,9	101,2	970,4	184,79	908,85
Mai./07	-	118,51	109,31	108,70	468,1	243,9	103,0	970,4	185,23	913,28
Jun./07	-	108,10	106,78	108,37	415,1	323,5	128,0	993,3	187,16	919,60
Jul./07	-	112,43	108,99	108,46	401,5	281,8	120,8	926,8	188,68	942,88
Ago./07	-	113,04	106,48	108,20	513,2	236,3	135,8	1 009,1	188,97	945,05
Set./07	-	100,21	101,59	107,48	434,1	297,5	138,0	1 006,5	189,07	948,23
Out./07	-	115,45	109,56	107,69	466,6	288,9	132,1	1 022,4	189,15	951,56
Nov./07	-	110,37	106,87	107,62	550,4	320,1	130,8	1 147,5	191,29	953,61
Dez./07	7,0	98,53	105,22	107,43	509,5	340,0	121,3	1 135,9	192,81	957,09
Jan./08	-	102,86	108,95	108,95	520,0	336,8	219,4	1 243,3	194,84	957,57
Fev./08	-	105,86	112,17	110,56	511,9	308,3	139,1	1 114,0	194,35	959,14
Mar./08	-	113,20	99,04	106,22	514,4	280,7	117,5	1 054,9	195,65	964,44
Abr./08	-	120,91	107,59	106,59	523,5	368,0	137,1	1 167,1	197,10	967,72
Mai./08	-	114,61	96,70	104,39	492,2	392,1	129,5	1 172,8	200,19	969,38
Jun./08	-	115,69	107,02	104,83	651,0	303,1	156,0	1 322,2	202,95	981,24
Jul./08	-	119,12	105,95	105,00	449,0	431,3	146,8	1 163,7	204,67	1 030,71
Ago./08	-	114,87	101,61	104,56	536,3	340,2	144,4	1 133,6	205,36	1 038,38
Set./08	-	116,12	115,87	105,73	575,8	390,2	154,1	1 278,5	205,98	1 048,99
Out./08	-	118,38	102,53	105,39	547,6	416,4	128,0	1 285,5	206,36	1 055,21
Nov./08	-	99,17	89,85	103,95	538,0	482,3	136,3	1 328,3	208,21	1 058,22
Dez./08	3,80	81,68	82,89	102,35	508,2	368,8	131,1	1 165,8	208,59	1 069,27
Jan./09	-	81,60	79,32	79,32	651,5	304,8	194,6	1 314,0	209,67	1 075,83
Fev./09	-	84,16	79,50	79,41	531,3	264,6	129,3	1 084,4	210,89	1 079,34
Mar./09	-	-	-	-	513,9	276,8	132,5	1 081,7	211,63	-

(continua)

## ECONOMIA DO RS

Variáveis selecionadas — nov./06-mar./09

MESES E ANOS	SALDO DE ADMISSÕES E DESLIGAMENTOS COM CARTEIRA	DESEMPREGO NA RMPA		RENDIMENTOS NA RMPA (2)		CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA (3) (mwh)		EXPORTAÇÕES VALOR (1 000 US\$ FOB)
		Taxa de Desemprego		Ocupados (8)	Assalariados (9)	Industrial	Total	
		Aberto	Total					
Nov./06	17 322	10,0	13,7	1 147	1 157	526 847	1 615 766	1 003 173
Dez./06	-13 467	9,2	12,9	1 137	1 138	531 587	1 732 882	1 044 476
Jan./07	14 920	8,6	12,2	1 103	1 124	443 129	1 807 603	860 445
Fev./07	13 643	8,8	12,3	1 109	1 143	518 242	1 840 251	866 144
Mar./07	8 926	9,4	12,9	1 115	1 150	544 817	1 838 957	1 062 709
Abr./07	15 008	10,1	13,6	1 133	1 162	556 619	1 788 914	971 243
Mai/07	-3 382	10,6	14,1	1 141	1 162	561 775	1 704 116	1 400 416
Jun./07	-1 132	10,8	14,4	1 135	1 162	556 098	1 642 989	1 281 777
Jul./07	-1 690	10,3	13,8	1 135	1 157	542 700	1 617 726	1 673 608
Ago./07	673	10,0	13,4	1 134	1 155	559 421	1 653 837	1 571 858
Set./07	14 986	9,6	12,8	1 131	1 137	534 178	1 612 954	1 280 444
Out./07	20 118	9,5	12,4	1 144	1 155	538 908	1 626 879	1 608 080
Nov./07	20 319	9,2	11,9	1 149	1 155	540 020	1 646 665	1 163 724
Dez./07	-8 065	8,7	11,3	1 175	1 178	527 914	1 737 091	1 277 226
Jan./08	19 029	8,4	11,2	1 139	1 137	467 639	1 914 097	1 155 177
Fev./08	20 080	8,3	11,3	1 112	1 108	553 905	1 949 550	1 196 912
Mar./08	18 474	8,7	11,7	1 095	1 107	556 404	1 905 271	1 156 056
Abr./08	13 578	9,0	12,0	1 124	1 135	591 331	1 852 881	1 398 875
Mai/08	2 296	9,2	12,2	1 156	1 174	588 888	1 747 461	1 718 977
Jun./08	7 990	8,7	11,9	1 178	1 192	579 625	1 722 206	1 682 512
Jul./08	4 522	8,7	11,9	1 181	1 199	599 694	1 738 101	1 866 525
Ago./08	4 814	8,3	11,3	1 190	1 196	598 172	1 738 262	1 733 246
Set./08	10 540	8,3	11,2	1 195	1 199	570 888	1 684 761	2 556 164
Out./08	8 873	7,9	10,6	1 196	1 195	583 481	1 723 158	1 662 121
Nov./08	8 036	7,7	10,2	1 189	1 195	545 726	1 702 679	1 120 931
Dez./08	-27 678	7,4	9,8	1 172	1 168	504 271	1 821 798	1 212 575
Jan./09	2 798	7,6	10,0	1 182	1 166	-	-	704 515
Fev./09	747	7,8	10,4	1 203	1 189	-	-	876 189
Mar./09	4 734	9,0	11,7	-	-	-	-	897 625

FONTE: FEE. IBGE. MICT. PED-RMPA. Secretaria da Fazenda-RS. IEPE. SINDUSCON. Ministério do Trabalho e Emprego.

(1) Refere-se à taxa anual. (2) Inflator utilizado: IPC-IEPE; valores em reais de fev./09. (3) Refere-se à soma do consumo de energia elétrica divulgado pelas três principais operadoras do Estado (RGE, AES-SUL e CEEE). (4) Base: média de 2002 = 100. (5) Base: igual mês do ano anterior = 100. (6) Base: igual período do ano anterior = 100. (7) Base: abr./98 = 100. (8) Exclusive os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganham exclusivamente em espécie ou benefício. (9) Exclusive os assalariados que não tiveram remuneração no mês e os empregados domésticos.

## A crise na indústria gaúcha

A partir da Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física do IBGE, constata-se o rigor da crise recessiva da economia brasileira, deflagrada no último bimestre de 2008. No Estado, observa-se que, desde novembro de 2008, os níveis de produção estão abaixo da média de 2002, o que dá a real dimensão da depressão atual. Faz-se uma ressalva importante: nos meses típicos de verão — dezembro a fevereiro —, é esperado um arrefecimento no ritmo das atividades, existindo um componente estacional bem definido na atividade industrial. Contudo chama atenção, mesmo assim, o aprofundamento dessa desaceleração. Ademais, a indústria, em 2008, já iniciou o ano em ritmo acelerado, quebrando a tendência da série, o que agravou as comparações com o começo do ano corrente.

Comparando-se os resultados do último quadrimestre (nov./08-fev./09) com o do mesmo período do ano anterior,

constata-se que a produção da indústria, em geral, se situa em um nível bem menor (-17,0%), com todos os principais setores apresentando taxas negativas, com destaque para produtos químicos (-38,0%), veículos (-33,1%) e calçados e couros (-24,6%). Comparando-se os dados recentes com as médias históricas dos quadrimestres anteriores (período nov./02-fev./08), constata-se que a indústria como um todo se encontra abaixo de sua média histórica (-10,1%). Registra-se como destaque positivo o refino de petróleo (19,1%) e a produção de alimentos (5,2%), que, apesar das quedas recentes, permanecem com níveis produtivos acima de suas médias históricas. Destacam-se negativamente os setores de calçados e couros (-36,5%) e produtos químicos (-37,6%), com desempenhos bem abaixo das médias.

Taxas de crescimento da produção física da indústria de transformação do RS — 2002-09

DISCRIMINAÇÃO	ÚLTIMO QUADRIMESTRE/ /QUADRIMESTRE ANTERIOR	ÚLTIMO QUADRIMESTRE/ /MÉDIA HISTÓRICA (1)
<b>Indústria de transformação</b> .....	-17,0	-10,1
Alimentos .....	-6,3	5,2
Calçados e artigos de couro .....	-24,6	-36,5
Refino de petróleo e álcool .....	-4,0	19,1
Outros produtos químicos .....	-38,0	-37,6
Máquinas e equipamentos .....	-13,8	-0,9
Veículos automotores .....	-33,1	-10,0

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE/Pesquisa Industrial Mensal.

(1) A média histórica refere-se aos quadrimestres nov.-fev. 2002-08.

Maria Conceição Schetter (FEE/CIE)

## A queda do IPI e seus efeitos no FPM

A desaceleração da atividade econômica brasileira, reflexo da crise mundial, fez com que o Governo Federal desonerasse alguns setores, reduzindo ou zerando as alíquotas do Imposto Sobre Produtos Industrializados (IPI). Essa medida visa estimular o consumo, que apresentava acentuado decréscimo, e incentivar a produção industrial, desde que seja assegurada, por parte das indústrias, a manutenção dos empregos. Como consequência, ocorreram perdas significativas na arrecadação tributária, devido à diminuição da produção e, principalmente, da alíquota do IPI-automóvel, significando uma redução de 91,6% no recolhimento desse imposto, nos três primeiros meses de 2009, em relação ao mesmo período de 2008, causando um decréscimo de 29,0% no IPI-total.

A queda na arrecadação teve impacto direto nos recursos das transferências institucionais destinadas aos Fundos de Participação dos Estados e dos Municípios (FPE e FPM), prejudicando todos os municípios, particularmente os menores, para os quais essa receita representa mais de 90% de seus recursos. Para compensar as perdas, o Governo Federal vai destinar uma ajuda financeira de R\$ 1 bilhão para os municípios, tentando, em parte, cobrir as necessidades mais urgentes nas áreas sociais, como é o caso da saúde e da educação. O Governo Federal está estudando também a possibilidade de repassar recursos para os estados afetados pela diminuição de suas receitas devido à retração econômica.

Arrecadação das principais receitas federais — 2008/09

RECEITAS	JAN-MAR/08 (R\$ milhões)	JAN-MAR/09 (R\$ milhões)	Δ% 2009 2008
IPI- total .....	9 528	6 766	-28,99
IPI- automóvel .....	1 476	124	-91,60
IRPF .....	2 344	1 717	-26,75
IRPJ .....	26 692	22 902	-14,20
Contribuição Para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) .....	29 982	24 774	-17,37
CIDE-combustíveis .....	2 113	116	-94,52
<b>Subtotal</b> .....	72 135	56 399	-21,81
Outras receitas .....	100 157	102 440	2,28
<b>TOTAL</b> .....	172 292	158 839	-7,81

FONTE: BRASIL, Ministério da Fazenda. Secretária da Receita Federal do Brasil.

NOTA: Valores inflacionados pelo IGP-DI da FGV, a preços de mar./09.

Maria Luiza Blanco Borsatto (FEE/CEES)

## Investimentos no exterior de empresas gaúchas selecionadas

Diversos fatores domésticos e externos influenciam a decisão de investir no exterior, tais como: participação das exportações no faturamento total da empresa, tipo de bem produzido (padronizado ou diferenciado), acesso aos insumos, pressão da concorrência nos mercados interno e externo, problemas de transporte e logística enfrentados na exportação. Além disso, o ambiente econômico nacional constitui um forte incentivo para a diversificação de riscos, já que a economia brasileira se caracteriza por flutuações conjunturais do nível de atividade que afetam as vendas no mercado interno. Do mesmo modo, o ambiente econômico e regulatório dos países receptores dos investimentos influencia a decisão de investir, quando o país-alvo apresenta potencial de crescimento do mercado e estabilidade das regras.

No Brasil, a relação entre o estoque do investimento direto no exterior (IDE) e o PIB ainda é muito baixa, não só quando comparada aos países em desenvolvimento da Ásia, mas também em relação a outros países da América do Sul, como Chile e Argentina. Contudo as mudanças ocorridas na economia do País com a estabilização econômica, a liberalização comercial, os acordos comerciais regionais e a redução do Risco-País, somadas à farta liquidez internacional, facilitaram o acesso ao financiamento externo. Conseqüentemente, surgiram novas

oportunidades de negócios e aumentaram os IDEs de empresas brasileiras, incluindo os das gaúchas.

A necessidade de continuar crescendo incentivou os IDEs de empresas gaúchas, como a Gerdau e a Marcopolo, que já haviam conquistado parcela substancial do mercado brasileiro. Outro grupo de empresas investiu no exterior não só através da instalação de novas plantas industriais, mas também por meio da aquisição de plantas já existentes, abrindo escritórios comerciais (Lupatech), instalando centros de P&D, realizando parcerias para a transferência de tecnologia (Agrale, Artecola e Cinex), estabelecendo centros de distribuição e armazenagem (Agrale e Tramontina), ou negociando *joint-ventures* para a montagem de produtos no país de destino (Marcopolo e Randon).

Uma das principais características dos investimentos no exterior realizados recentemente por empresas gaúchas foi a maior diversificação de setores. A outra foi a expressiva quantidade de investimentos direcionados para a América Latina. Algumas delas concentraram todos seus investimentos nessa região, o que reforça a idéia de que as empresas tendem a dar os primeiros passos em mercados mais próximos em termos geográficos e culturais.

Principais empresas gaúchas com investimentos diretos no exterior

EMPRESAS	SETORES	INVESTIMENTOS DIRETOS
Agrale	Veículos automotores, tratores e caminhões	Argentina e Colômbia
Artecola	Insumos químicos e suprimentos industriais	Argentina, Chile, Peru, México e Colômbia
Cinex	Vidraçaria e portas de alumínio	Estados Unidos, México e Itália
Gerdau	Aço	Chile, Colômbia, Peru, Uruguai, México República Dominicana, Índia, Venezuela, EUA, Canadá e Espanha
Guerra	Implementos rodoviários	Argentina
Laticínios Bom Gosto	Laticínios	Uruguai
Lupatech	Válvulas industriais, equipamento para o setor de petróleo e gás	Argentina, Estados Unidos e México
Marcopolo	Carrocerias para ônibus	Portugal, México, Colômbia, África do Sul, Rússia, China e Índia
Paquetá Calçados	Calçados esportivos	Argentina
Randon	Reboques, semi-reboques, implementos rodoviários.	Argentina, EUA, Marrocos, Argélia, África do Sul, Quênia e Emirados Árabes
Tramontina	Utilidades domésticas, ferramentas, artigos de madeira	EUA, México, Colômbia, Chile, Alemanha, França, Peru e Emirados Árabes

**Beky Moron de Macadar (FEE/CEES)**

CARTA DE CONJUNTURA FEE (elaborada com informações até 04.05.09).

ISSN 1517-7254

A **Carta de Conjuntura FEE** é uma publicação mensal de responsabilidade dos editoriais. As opiniões não exprimem um posicionamento oficial da FEE ou da Secretaria do Planejamento e Gestão.

Tiragem: 250 exemplares.



Presidente: Adelar Fochezatto

Diretor Técnico: Octavio Augusto Camargo Conceição

Diretor Administrativo: Nôra Angela Gundlach Kraemer

**Conselho Editorial da Carta:** Octavio Augusto Camargo Conceição, Adalberto Alves Maia Neto, Roberto da Silva Wiltgen e Sônia Unikowsky Teruchkin.

**Núcleo de Dados:** Marilene Gauer (coordenação), Ana Maria de Oliveira Feijó e Jussara Lima do Nascimento.

**Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser**

Rua Duque de Caxias, 1691 - Porto Alegre

CEP 90010-283

E-mail: conjuntura@fee.tche.br

www.fee.rs.gov.br

**Editoração**

**Supervisão:** Valesca Casa Nova Nonnig. Secretária: Vera Lúcia Pires Dalberto. Expedição: Lisete Maria Giroto.

**Revisão**

Coordenação: Roselane Vial. Revisores: Sidônia Therezinha Hahn Calvete e Susana Kerschner.

**Editoria**

Coordenação: Cirei Pereira da Silveira. Composição, diagramação e arte final: Denize Maria Maciel, Ieda Terezinha Koch Leal, Jose Antonio da Silva e Rejane Maria Bondanza Lopes. Conferência: Lourdes Teresinha dos Santos, Rejane de Barcellos Schmitt e Vera Sonia da Silva Castro. Impressão: Cassiano Osvaldo Machado Vargas e Luiz Carlos da Silva.